

## Perigos e erros na adivinhação

Actualmente verifica-se uma proliferação de métodos de prever o futuro, uma quantidade cada vez maior de profissionais dispostos a descobrir o futuro para o público e uma torrente de obras que ensinam cada um a aventurar-se no futuro autodidacticamente.

Saber o que o futuro nos tem reservado foi e tem sido um desejo muito comum na humanidade e mesmo muitos que não acreditam nessas coisas a elas podem recorrer em certos momentos da vida, especialmente em casos de grande instabilidade e insegurança emocional, afectiva ou profissional.

Mas será possível adivinhar o futuro? Será que basta aprender a deitar cartas, por exemplo, depois de se ter estudado os significados de cada carta e ter aprendido um método de as dispor, para se aceder ao futuro? E quem diz cartas também pode dizer qualquer uma das muitas outras formas de tentar adivinhar o futuro que já foram e/ou continuam a ser usadas: e embora actualmente já não se procure o futuro nas entranhas de aves nem de prisioneiros sacrificados (felizmente), o tarot, a astrologia, o I Ching, os búzios, as runas e mesmo a biblomania, continuam bem presentes como métodos de desvendar o que há-de vir.

E cada método tem os seus adeptos, as suas vantagens e deficiências próprias: por exemplo, a astrologia pode ser bastante eficaz na calendarização dos eventos, mas não é muito adequada para previsões sobre questões muito específicas (embora diversos astrólogos procurem resolver esta falha com o recurso à astrologia horária). E quando se procura uma previsão não propriamente fatalista, mas sim uma indicação de como dado assunto pode evoluir, tendo em atenção as alternativas possíveis e sabendo que o futuro está em contínua mutação, o uso do I Ching pode ser valioso, mas nunca esquecendo que com o I Ching mais do que uma resposta concreta e linear descobre-se uma série de conselhos e perspectivas que precisam de ser decodificadas por quem o consulta.

Os termos e as teorias usadas para explicar como é possível aceder ao futuro, partindo do princípio que ele já está definido com antecipação, baseiam-se geralmente em influências espirituais (em que os oráculos e suas respostas são manipulados por espíritos e outras entidades), actividade psíquica (da pessoa que capta no cliente o futuro ou da própria pessoa que o intui extra-sensorialmente) ou na acção do inconsciente (que pode influenciar a acção das mãos que lançam as cartas ou o pêndulo, por exemplo, ou leva até à consciência uma dada interpretação ou previsão). Alguns mais ousados ou «científicos» nas explicações entram em conta com teorias do caos, fenómenos de sincronismo e até projecções holográficas. Mas não se conseguiu até ao momento, mesmo entre os afeccionados, uma explicação completamente satisfatória e abrangente, por isso cada um vai assumindo ou procurando provar aquela que é mais afim à sua personalidade e visão do universo.

Para uns continuarão a ser entidades espirituais, para outros leituras psíquicas e para outros ainda o resultado da sabedoria do inconsciente nas nossas vidas.

Há ainda quem diga que o mais acertado é entenderem-se os métodos de adivinhação como geradores de projecções do presente no futuro, ou seja, os resultados dados não são o futuro em si mesmo, mas constituem hipóteses ou projecções do futuro obtidas a partir das condições e tendências activas no presente. Esta perspectiva, que nos leva a perceber que se a conduta no presente mudar também o futuro poderá mudar, tem a vantagem de não retirar à pessoa a sua responsabilidade sobre o seu próprio destino e de não reprimir fatalisticamente o livre-arbítrio. Se o futuro deixa de ser assim tão fixo, passando a adquirir uma realidade mutável, então mais importante do que saber qual vai ser o futuro de uma dada situação é saber como agir para que se realize da forma que se deseja. É nesta base que se baseia, por exemplo, a filosofia do I Ching, e todas as perspectivas que tenham como base a adopção duma filosofia de vida em harmonia com o mundo exterior e interior e não tanto de pura adivinhação.

Mas, independentemente do futuro ser fixo ou mutável, se for possível adivinhar ou fazer possível projecções sobre o futuro, isso será uma actividade inócua, ou, pelo contrário, pode trazer alguns perigos?

O maior risco, numa primeira análise, para quem procura saber o futuro é o poder ser-se enganado; ser-lhe dito ou descobrir algo que não será verdade no futuro, com as consequentes implicações de estar a antecipar algo falso e a alterar a sua conduta face a uma situação ou ocorrência que não se verificará. Quantas pessoas não ouviram já que a pessoa amada voltaria, tendo ficado à espera desse hipotético retorno e que por isso mesmo perderam oportunidades ou momentos adequados para fazerem mudanças positivas nas suas vidas? E no fim, muitas chegaram à conclusão que a voltar só se for mesmo numa próxima vida pois nesta já nada acontecerá.

E o que custará um erro de previsão quando um futuro profissional está em risco? Ou uma falsa indicação de que o parceiro/parceira tem um(a) amante? Ou indicações sobre a morte de alguém, como alguns poucos adivinhos ainda arriscam, talvez na tentativa de impressionarem o cliente? E os erros nas previsões costumam ser mais vulgares do que se imagina...

E como evitar que esses erros aconteçam? Será possível minimizar as falhas nas previsões? E, além disso, não haverão outros perigos ou riscos associados ao uso de oráculos para se obter o que o futuro parece querer esconder? Será assim tão simples remover as barreiras do tempo e conseguir uma previsão de algo que ainda não ocorreu, ou que está numa dimensão espaço-temporal que não a nossa; ou se se preferir num inconsciente ou supraconsciente colectivos ou num qualquer nível espiritual onde as leis do tempo sejam diferentes daquelas que experimentamos empiricamente; talvez afinal o futuro esteja gravado num mundo onde não há passado nem presente ou futuro da forma como é sentido vulgarmente.

As respostas a estas questões tornam-se complexas face ao amplo conjunto de variáveis que influenciam a actividade oracular. É preciso, como se verá de seguida mais em pormenor, não ter apenas em conta a intenção, a evolução espiritual e as capacidades da pessoa que consulta e/ou trabalha profissionalmente com o método divinatório, mas também o tipo de oráculo usado, as entidades invocadas/evocadas e as energias activadas, a forma como se processa a consulta oracular, a abordagem filosófica às previsões, e diversas outras situações particulares.

Antes de mais é preciso referir que, independentemente da qualidade espiritual ou das intenções de quem usa um método divinatório, sondar o futuro, implica, salvo raras excepções, que um véu ou uma barreira separadora entre mundos, níveis ou dimensões sejam afastados ou diminuídos. Aqueles que têm uma sensibilidade espiritual suficientemente desenvolvida (e não aprendem apenas o que os livros ensinam) certamente já descobriram isto por si mesmos e se aperceberam da mudança nessa fronteira, cada vez que se usa um método divinatório onde é exigida a manipulação de objectos jogados ao acaso para se obter uma resposta. Esta questão é fundamental na percepção dos limites e perigos do uso de métodos de adivinhação como o tarot, os búzios, as runas ou o I Ching, entre outros, mas perde importância na astrologia ou na quirologia, que são dos poucos métodos onde não é preciso recorrer ao lançamento de quaisquer objectos, bastando as análises de raciocínio e a interpretação das posições planetárias e das linhas das mãos, não exigindo obrigatoriamente a intervenção de inteligências ou energias suprafísicas.

E esta diluição do véu ou da barreira interdimensional é um dos maiores perigos que o uso dos métodos divinatórios pode trazer. Pois mesmo que quem lance as cartas, dados, moedas, runas, etc. seja uma pessoa cheia de boas intenções, seja relativamente isenta de graves defeitos e seja tudo por uma boa causa, ao fazer-se o lançamento essa barreira diminui ou dilui-se e então muitas energias e entidades têm acesso à pessoa e aos objectos usados na consulta, algumas delas têm a ver com o próprio processo de adivinhação, mas outras não passam de oportunistas que aproveitam a porta aberta para entrarem e tentarem saciar a sua curiosidade, ou necessidades viciosas ou mesmo malvadez. E a máxima de que o Bem e o mal não andam afastados um do outro, e que quando um é activado o outro reage igualmente e se faz presente, adquire aqui uma grande importância. Ou seja, cada vez que se usa um método divinatório como os referidos estão-se a baixar as defesas naturais que todos temos contra as energias suprafísicas negativas, que podem assim entrar mais facilmente em contacto com a pessoa a par com a acção de forças e entidades mais neutras ou positivas ligadas ao método divinatório.

Mas como geralmente tudo no mundo não é assim tão linear, não é por se lançar uma vez ou mesmo ocasionalmente umas cartas ou moedas que a nossa vida fica logo infestada de energias parasitas ou de presenças pouco agradáveis. Além disso, os antigos sabiam como evitar estas armadilhas e alguns dos rituais e preceitos aplicados nas consultas oraculares serviam basicamente para evitar ou minimizar os riscos

referidos, mas com a tendência consumista e apressada da actualidade, muitos praticantes de artes divinatórias negligenciam as antigas regras de segurança, consideradas agora como meros rituais desnecessários e retardadores da obtenção rápida e em série (se se trabalhar profissionalmente) de previsões.

Mas quem quer precaver-se sempre pode ter em conta as seguintes indicações:

-- fazer intervalos entre os lançamentos: de preferência não fazer mais do que um lançamento por dia e deixar um período maior se for sobre o mesmo assunto (alguns praticantes chegavam a sugerir que se deixasse passar 21 dias no caso do tarot, por exemplo);

-- fazer consultas de dia e não durante a noite ou logo que o Sol se tenha posto;

-- não fazer consultas sobre terceiros pessoas sem o seu consentimento;

-- usar os oráculos para perguntas importantes e não por mera curiosidade;

-- purificação do ambiente onde se vai realizar a consulta (antes e depois), por exemplo, com incenso puro e não com misturas comerciais vulgares, com cânfora ou mesmo com água benzida; os adeptos da magia cerimonial costumam usar o ritual do pentagrama para obterem protecção adicional e também são vulgares as orações com o mesmo objectivo;

-- não fazer da própria casa um local habitual de consulta;

-- não usar velas acesas nem pauzinhos de incenso durante a consulta, pela facilidade com que atraem mais visitas indesejáveis.

E quanto às entidades que são invocadas (ou evocadas) e às energias que assumem importância na actividade divinatória?

Certamente a área divinatória não está isenta de contactos com entidades suprafísicas associadas ao próprio funcionamento de cada método divinatório, e tendo sido estas entidades conhecidas ao longo das épocas por vários nomes que variam segundo as concepções locais e segundo a respeitabilidade que as mesmas artes tinham junto de cada povo; assim tanto podiam ser génios, *daimons* (para os gregos), anjos ou demónios. E se agora aparecem com outros nomes e atributos (inclusive com estatuto de egrégoras), ou todos catalogados de demónios e metidos «no mesmo saco», como fazem os fundamentalistas cristãos, o funcionamento de cada arte divinatória continua a poder considerar-se como uma área relativamente ligada a entidades suprafísicas, e onde o apoio dessas entidades é frequentemente pedido, seja para melhorar o processo de adivinhação, seja como forma de se tentar obter protecção.

Em termos ocultistas é verdade que se sabe estarem certos seres suprafísicos ligados a tipos específicos de métodos divinatórios, sendo dessa forma os seus regentes, o que implica uma afinidade entre o ser ou classe de seres e o tipo de adivinhação em questão, e uma ligação entre quem adivinha ou procura adivinhar e essa classe de entidades. Mas há um fenómeno espiritual que adquire um valor especial nesta matéria: a egrégora.

O que é uma egrégora? Em todas as práticas humanas que são minimamente duráveis e estruturadas, como são as artes divinatórias, verifica-se a formação duma forma astral-mental que resulta da acumulação e estruturação das energias humanas (pensamentos e sentimentos) ligadas a essas práticas, sendo que com o tempo essa forma – designada de egrégora -- adquire uma organização e autonomia próprias e torna-se capaz de influenciar os pensamentos e sentimentos de quem a ela se liga, condicionando a actividade mental segundo as linhas directrizes que presidiram ao seu desenvolvimento. E saliente-se que não são apenas os seres humanos a energizarem as egrégoras, mas também os seres espirituais as podem influenciar, como forma de melhor ajudar e estimular (ou manipular, no caso de seres negativos) as vontades humanas (e se há egrégoras positivas como muitas das ligadas a actividades religiosas, também as há bem negativas, como foi o caso da cegueira nazi que afectou tantas mentes alemãs, e não só).

Por isso quando alguém se familiariza com um dado método divinatório e o usa está a aderir à egrégora que sustenta esse método e, em certa medida, a partilhar algo em comum com todas as pessoas que a ele recorrem de forma regular, envolvendo-se desta forma na atmosfera psíquica e espiritual que anima essa egrégora, pelo que é preciso sempre algum cuidado na selecção de um qualquer método (bem como na adesão a qualquer grupo, organização ou instituição humanas, pois quando se pertence a algo tem-se uma co-responsabilidade no bem e no mal que esse grupo, organização ou instituição têm acumulado).

De ter também em especial conta os símbolos presentes nos métodos divinatórios pois, como qualquer «aprendiz de feiticeiro» sabe, os símbolos são catalisadores de energias suprafísicas, e quando usados de forma regular dificilmente deixarão de ter uma influência marcante na vida duma pessoa. Por isso, deve ter-se especial cuidado com os símbolos usados em acções de carácter divinatório, bem como em todas as áreas de contacto com níveis suprafísicos, de modo a recorrer-se apenas a símbolos que fortaleçam a senda espiritual e não provoquem, pelo contrário, perturbações energéticas. E nestas coisas nem tudo o que vem escrito é garantia para se aceitar um dado símbolo como positivo, pois vários símbolos têm influências que estão para além dos conhecimentos de quem os divulga. O autor teve uma experiência marcante com uma cruz celta que tinha comprado numa loja de artigos esotéricos e que tinha inscrições rúnicas gravadas no metal. E, apesar das inscrições parecerem ser inocentes, no primeiro dia em que usou a cruz ao peito ia tendo três acidentes de viação e depois nessa noite teve um forte pesadelo e acordou bastante incomodado e cheio de suor... não é preciso dizer mais para se perceber qual o fim imediato dessa cruz.

De referir ainda que não é por se consagrar um objecto a Deus ou se orar para que Deus encaminhe a resposta que Deus está obrigatoriamente a proteger ou a ajudar. As energias ou entidades vêm em nosso auxílio não apenas por referirmos os seus nomes, mas sim se o merecermos ou tivermos trabalhado em direcção e em

conformidade com essas entidades. É como na vida real, em que todas as pessoas conhecem seguramente nomes de pessoas influentes que abrem «portas» e ajudam a resolver problemas, mas nem todos terão esse apoio apenas por saberem os nomes.

E que Deus é esse? Quando se fala de deus cada um tem na cabeça uma ideia particular que pode não corresponder ao deus de outra pessoa. Deus não é um nome próprio, mas sim um termo para indicar uma entidade espiritual superior, qualquer que ela seja. Apolo ou Zeus são deuses, assim como Xiva, Manitu, Nhamandu, Cristo, Baal, Javé... e até há deuses que não passam de meros elementais (espíritos da natureza) ou entidades desencarnadas assumindo papéis de ocasião. Por isso não é garantia nenhuma de protecção e iluminação o usar-se o termo Deus.

Isso leva-nos ainda à questão da qualidade espiritual de quem faz a consulta:

As ligações astrais e o ambiente espiritual de quem se presta ao serviço de usar métodos de adivinhação para terceiros são importantes para quem vai a uma consulta, pois as previsões e os resultados do trabalho são influenciadas pelas entidades que o profissional atrai para o seu ambiente, e ao sair-se do consultório pode levar-se alguma companhia indesejável para casa e para junto de outras pessoas com quem contacte.

Por isso quando se escolhe alguém para adivinhar o futuro é sempre bom saber escolher uma pessoa que tenha valores espirituais e éticos elevados, o que não é obrigatoriamente proporcional à fama, número de clientes ou preço da consulta, mas depende de outros factores menos perceptíveis comercialmente, alguns dos quais mesmo pouco afins com uma actividade comercial, como o desapego material e a precaução de não limitar o livre-arbítrio, mas antes estimular a liberdade de acção e a capacidade de resolução pessoal dos problemas.

Se a pessoa recorrer a processos mediúnicos ou psíquicos para desvendar o futuro então deve ter-se em conta se é alguém com uma clarividência ou mediunidade bem treinadas para não confundir verdadeiras imagens de um futuro em emergência com imagens astrais dos desejos ou das ilusões do consulente ou até com captações telepáticas do ambiente próximo, muitas das quais até referentes ao passado.

Nunca se deve omitir o facto de que quando alguém vai a uma consulta também a sua realidade espiritual está presente e influencia a leitura do futuro bem como a actividade do próprio profissional. Se alguém andar mal acompanhado espiritualmente (ou a sofrer influências negativas nela lançada por terceiros) será de crer que essas entidades ou energias irão procurar confundir as previsões ou provocar leituras erradas, de modo a trazer problemas à pessoa ou a orientá-la para caminhos que sejam do interesse dessas entidades. Neste caso será importante a afinidade ou não que o profissional tenha com essas entidades negativas; se for afim, então os embustes e armadilhas astrais facilmente serão realizadas, mas se o profissional não for compatível com essas entidades há maior salvaguarda de que elas não podem agir por intermédio dele (por vezes, as diferenças encontradas entre diferentes profissionais consultados sobre uma mesma questão deve-se a este factor).

Por último, é sempre bom abordar qualquer actividade previsional sem negligenciar as seguintes directrizes:

-- qualquer processo de adivinhação tem os seus limites e fragilidades, portanto ninguém está de antemão perante uma verdade absoluta e imutável

-- deve evitar-se sempre indicações fortemente negativas e precisas sobre o futuro, e muito menos encaradas de forma fatalista

-- ter presente que o livre-arbítrio duma pessoa pode (e deve) influenciar o futuro e, em certa medida, mesmo alterar o curso dos acontecimentos

-- quando se faz uma consulta divinatória qualquer incompatibilidade psíquica ou espiritual entre o profissional e o consulente (que se pode descobrir por comparação astrológica, por exemplo) pode deturpar os resultados e invalidar uma interpretação potencialmente correcta

-- a adivinhação deve servir para reforçar a capacidade de acção duma pessoa, a sua responsabilidade individual e a sua percepção espiritual dos acontecimentos e da sua vida e não para acentuar a sua fragilidade e dependência de terceiros

-- a adivinhação deve ser feita para melhorar a acção e a adaptação do cliente numa perspectiva espiritual e ética e não meramente para satisfação materialista dos desejos do consulente;

-- existem horas melhores do que outras para se realizarem actividades divinatórias, momentos em que as energias etérico-astrais fluem mais livremente e sem perturbações ou densificações indesejáveis;

-- não esquecer que cada pessoa tem uma forma particular de lidar com as energias e as lições que se fazem presentes na sua vida; enquanto alguns são atraídos para as esferas mais físicas da existência, outros experienciam as situações mais a nível interior ou psicológico;

-- os acontecimentos concretizam-se primordialmente nas áreas da vida em que mais facilmente as energias em atrito podem ser libertadas, seja por serem as áreas mais frágeis, seja por serem as áreas onde ao ocorrer algo a pessoa aprenderá e perceberá mais facilmente a lição ou aviso associados (aqui o inconsciente e a acção do sincronismo têm um papel importante a desempenhar)

-- qualquer previsão gera por si própria alterações no futuro previsto, pois o comportamento da pessoa vai ser, em maior ou menor medida, influenciado pela previsão que foi feita, e determinando deste modo mudanças na própria estrutura que sustentava a previsão feita; as consequências podem, por vezes, ser surpreendentemente inesperadas e até mesmo desagradáveis, se perturbações impostas no decurso das linhas orientadoras do futuro poderem gerar conflitos

-- quando se faz uma previsão sobre um acontecimento que deve ocorrer, por estar karmicamente decidido, e essa previsão induz a pessoa a tomar medidas que inviabilizam o processo de ocorrer como estava destinado, então, se a lição associada não foi aprendida, os seres (anjos) que gerem o karma provocam novas mudanças de modo que o karma se expresse de uma forma não esperada nem prevista;

-- quando uma pessoa consulta de forma regular vários profissionais de áreas divinatórias predispõe-se a criar junto a si remoinhos de energias divergentes, gerando confusão na apreciação das indicações recebidas e conduzindo a uma maior dificuldade em lidar com os acontecimentos de forma responsável e acertada;

-- espiritualmente falando, não é o futuro que é realmente importante (nem os acontecimentos ou os destinos propriamente ditos), mas sim a forma como se realiza o caminho em direcção a esse futuro e o que se adquiriu no caminho, ou seja, os frutos em termos do desenvolvimento da consciência e da capacidade de actuar para o Bem.

-- algumas previsões acontecem por que a pessoa ficou de tal modo centrada, e de forma fatalista, nessa previsão que a própria pessoa vai alimentar a sua concretização com as suas energias, medos e pensamentos. (A energia segue o pensamento, dando origem ao que foi pensado de forma repetida).

-- as lições não aprendidas, e negligenciadas, voltam novamente a estar presentes na vida e geralmente retornam com mais intensidade e urgência (são certos padrões de acção que se vão repetindo nas vidas)

Em suma, o recurso a métodos divinatórios para se saber com antecedência o futuro pode trazer mais confusão do que elucidação para a vida de quem o procura antever, e ser ainda causa de alterações disruptivas e descontroladas face a evolução que estava mais ou menos predefinida. E como comporta sempre um grande risco de reduzir a liberdade individual, de refrear o desenvolvimento da consciência e da percepção do funcionamento das leis espirituais na vida, bem como de desviar a pessoa das verdadeiras abordagens espirituais (centrando-a em actividades do foro meramente etérico ou astral) torna-se uma actividade menos adequada a quem procura seguir um caminho espiritual, especialmente se for praticada de forma regular ou com intenções materialistas.